

O MAPA DA MINA

Cynthia Garda
Da equipe do **Correio**

Brasília é a quarta melhor cidade do Brasil para fazer negócios. Aos 38 anos, perde apenas para São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, segundo estudo da empresa de consultoria Simonsen Associados, publicado pela revista *Exame*. Outra pesquisa, da Arthur Andersen para a revista norte-americana *Fortune*, coloca a capital federal em oitavo lugar no ranking das melhores cidades para investimentos na América Latina.

O destaque nas duas pesquisas se deve à combinação de uma série de atrativos dificilmente encontrada em outros municípios. O Distrito Federal concentra 1,2% da população do país que divide 3% da renda nacional. "A renda de US\$ 8 mil por habitante do DF representa mais do que o dobro da média do país", explica Edgar Fagundes Filho, ex-presidente da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). Por isso, os cidadãos de Brasília consomem mais, constata.

Apostando no alto poder aquisitivo dos brasilienses, a construtora mineira Lider promete aplicar R\$ 80 milhões no próximo ano em Brasília. O valor corresponde a 18% do total de investimentos do grupo, que concentra 45% de seus negócios em Belo Horizonte e 37% em São Paulo, onde atua desde 1993.

"Não temos dúvida sobre o potencial do mercado brasiliense e podemos classificá-lo como um dos melhores do país, juntamente com São Paulo", avalia o superintendente regional da empresa, Rodrigo Nogueira. "Além do poder aquisitivo e dos índices de consumo da capital, as taxas de crescimento da população são superiores à média do país."

JUVENTUDE

Mais de 68% da população do Distrito Federal têm menos de 30 anos. Com 99% das crianças em idade escolar frequentando salas de aula e uma expectativa de vida superior a 70 anos, 11% das residências com computadores, 67% dos domicílios com telefones e um carro para cada três habitantes, a capital não chama a atenção apenas de investidores. "Infelizmente, todos esses indicadores positivos tornam Brasília um pólo de atração para migrantes", lembra o ex-presidente da Codeplan.

Apesar do alto índice de desemprego, o mercado do Distrito Federal tem um potencial de consumo de US\$ 10 bilhões anuais, segundo a pesquisa da Simonsen Associados. Mas esse mercado sofre diretamente com a crise econômica. Entre janeiro e outubro do ano passado, 804 bares e restaurantes fecharam suas portas e demitiram aproximadamente seis mil trabalhadores.

Mesmo assim, a capital é menos

vulnerável à crise do que outras cidades com grandes concentrações industriais. Isso porque boa parte da população é formada por servidores públicos que, embora estejam com os salários congelados há quatro anos, têm garantia do emprego. "A recessão será um fato em todo o país este ano", admite o presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), Lourival Dantas. "Mas não atingirá Brasília nas mesmas proporções das demais cidades. Brasília ainda se protege com o funcionalismo público." Segundo Dantas, o Distrito Federal consome 95% do que produz. Exporta 5% e importa 83% de tudo o que consome. "Nós temos mercado e aqui falta de tudo", avalia.

CRESCER

Apesar desse *colchão* proporcionado pelo funcionalismo, a cidade precisa gerar empregos se quiser continuar crescendo. O ano de 1998 fechou com mais de 166 mil desempregados, o equivalente a 19% da população economicamente ativa. As pequenas e médias indústrias apontam com alguns caminhos. Há pouquíssimas grandes indústrias na região, como cimento e bebidas. As pequenas ocupam 98% do mercado: são 4.620, 600 delas na área de informática.

"E não devemos deixá-las crescer no Plano Piloto. Devemos atraí-las para outras cidades", aposta Dantas. Conforme a Fibra, Sobradinho se destaca como um pólo de empresas de alta tecnologia, inclusive pela proximidade da cidade com a Universidade de Brasília (UnB). No Guará, há uma concentração de indústrias do vestuário e, em Ceilândia e Taguatinga, de empresas gráficas.

Os grandes atacadistas, segundo a Fibra, deveriam ser atraídos para Santa Maria. Ali funcionaria um porto seco, concentrando o tráfego do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Esse porto seco faria parte do projeto do Mercado Comum do Centro Oeste (Mercoeste), reunindo sete estados: Goiás, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Acre e Distrito Federal. "Precisamos nos mobilizar para acabar com a atrasada guerra fiscal entre esses sete estados, que têm a maior área agricultável do planeta", afirma Dantas.

O Mercoeste também está na ponta da língua do novo secretário da Indústria e Comércio do GDF, Lázaro Marques. Segundo ele, o governador Joaquim Roriz apóia a idéia. A secretaria deve estimular o desenvolvimento, atuando ligada ao setor de Finanças. Por isso, pode até mudar de nome. O novo governo promete criar incentivos fiscais e facilitar a aquisição de terrenos para negócios, não importando o tamanho da área. Para equilibrar a balança, promete incentivos às empresas que conseguirem exportar.

Ronaldo de Oliveira



Projeto Orla: a área de lazer com calçadão e bares na margem do Lago Paranoá vai atrair turistas e pode movimentar mais de R\$ 80 milhões por ano